

Da construção da “individualidade” ao “indivíduo sitiado”: Uma crítica Baumaniana ao elogio do hibridismo cultural.

From “individuality” construction to “individual siege”: A Baumanian critical to praise
of cultural hybridism.

Ianko Bett*

Resumo: O artigo tem o objetivo de colocar em evidência uma releitura Baumaniana da perspectiva teórica da categoria “hibridismo cultural” estabelecida enquanto um “carro-chefe” dos processos de construção das diferenças. Para tal empreendimento, colocaremos em discussão dois momentos da produção de Zygmunt Bauman, aqui entendidos como estudos que se complementam teoricamente, quais sejam: a construção da “individualidade” do livro *Modernidade Líquida*, que enfatiza a passagem do ser para o dever ser no mundo do capitalismo globalizado; e o “indivíduo sitiado” de *Vida Líquida*, em que Bauman trabalha e problematiza acerca da busca desenfreada pela individualidade e as suas consequências no processo de construção de identidades.

Palavras-chave: Individualidade. Identidade. Hibridismo cultural.

Abstract: The article aims to put in evidence a Bauman rereading of the theoretical perspective of "cultural hybridism" category established as a "car-head" of the processes of construction of differences. For that, we discussed two moments of the production of Zygmunt Bauman, here understood as studies that complement each other theoretically, namely: the construction of "individual siege" of the book *Liquid Modernity*, which emphasizes the transition from to be to duty to be in the world of global capitalism, and "individualism siege" from *Life Net*, which works Bauman and questions about the unbridled quest for individuality and its consequences in the construction of identities.

Keywords: Individualism. Identity. Cultural hybridism.

1 Construindo a individualidade: celebrando a liquidez

O texto intitulado “Individualidade”¹ de Zygmunt Bauman inicia fazendo uma retrospectiva acerca de quais os “medos” que habitavam os pensamentos daqueles que, em meados da década de 1940, se preocupavam em pensar nos prognósticos acerca das

* Mestre em História Latino-Americana pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS. Doutorando em História pela PUCRS.

¹ Trata-se do segundo capítulo do livro *Modernidade Líquida*.

previsões de futuro. Referindo-se a dois importantes escritores e a partir das suas obras², as perspectivas que sobressaiam em relação ao futuro reuniam um mundo em que o progresso levaria a uma significativa separação entre aqueles que são possuídos do poder de controlar e aqueles que são controlados. E é esta separação que parece ser a tônica argumentativa do autor, a qual tentaremos expor e explorá-la nas linhas que se seguem.

Partindo desses contornos iniciais, o autor segue seu argumento tentando estabelecer e caracterizar as projeções que procuram delinear a modernidade e os seus postulados: ordem, disciplina, controle. Neste sentido, para Bauman (2001: 68), a fábrica fordista “foi sem dúvida a maior realização até hoje da engenharia social orientada pela ordem”, isso, justamente pelo fato desta engenharia ter possibilitado estabelecer o homem como um sujeito do trabalho³, impossibilitando qualquer mobilidade. Isso quer dizer que este *modus vivendi* estabelecia como seu corolário uma confiança no destino ou, mais especificamente, na segurança e na certeza de se estar indo para algum lugar.

Estes seriam, para Bauman, os passageiros do navio “capitalismo pesado” da modernidade que contrastariam com os passageiros do avião “capitalismo leve” da modernidade líquida, no qual a tônica da viagem passa a ser a indeterminação tanto pra onde estar se indo, como de quem está conduzindo a viagem. Daí os deslocamentos subsequentes destes novos rumos: incerteza e ansiedade perpétua. O que está em pauta na modernidade líquida é “decidir” sobre os múltiplos fins e os múltiplos meios para se chegar neste fim. Não mais uma “Suprema Repartição” (Deus ou a Razão) para guiar os passos dos indivíduos mas, na modernidade líquida, o mundo se abre para as infinitas possibilidades.

Neste texto, então, Zygmunt Bauman procura problematizar, justamente, a formação deste indivíduo, a partir do diagnóstico de algumas das principais angústias de ser indivíduo e de viver no líquido mundo moderno: a contraditória busca por uma certa segurança que não interfira ou que não atrapalhe na busca pela satisfação em infinitas possibilidades do mundo do consumo. Um consumo que não se encerra em satisfazer necessidades, mas que é estabelecido a partir da lógica do desejo: “entidade muito mais volátil e efêmera, evasiva e caprichosa, e essencialmente não-referencial que as ‘necessidades’, um motivo autogerado e autopropelido que não precisa de outra justificação ou causa” (2001: 88).

O que Bauman parece querer chamar atenção, neste aspecto, é uma lógica consumista que atravessa os diversos campos da existência humana e que coloca em evidência, no consumismo desenfreado, uma suposta fuga da insegurança específica da sociedade dos consumidores individualizados. Assim, confirma o autor: “querem estar pelo

² Trata-se de *Brave New World* de Aldous Huxley e 1984 de George Orwell.

³ Sobre o processo de assujeitamento do indivíduo no mundo do trabalho ver em FOUCAULT, Michel. *A Verdade e as formas jurídicas*. Rio de Janeiro: NAU Editora, 2003.

menos uma vez seguros, confiantes; e a admirável virtude dos objetos que encontram quando vão às compras é que eles trazem consigo (ou parecem por algum tempo) a promessa de segurança” (2001: 96).

É neste sentido que parece estar presente a busca incessante pela construção de identidades na sociedade da modernidade líquida, ou seja, uma tentativa de superação das inseguranças que consiste em “deter ou tornar mais lento o fluxo [...] solidificar o fluido, de dar forma ao disforme” (BAUMAN, 2001: 97). No entanto, o que torna a questão ainda mais problemática é o reconhecimento de que as próprias identidades fazem parte da liquidez, da efemeridade e da inconstância, do mesmo modo que Bauman, metaforicamente, comparou – a identidade – como a crosta de lava de vulcão em que, por vez ou outra endurece, mas logo se dissolve sem se fixar. Com o autor, constatamos que é na suposta liberdade individual de construir e reconstruir as identidades que pode ser encontrada uma certa satisfação do indivíduo moderno. Certa satisfação justamente porque a “matéria prima” das identidades também é instável, ou de outra forma, as coisas com o que e pelo que as identidades são construídas acabam sendo produtos não mais com o signo de “objetos duráveis”, mas com uma data de validade limitada ou, mais especificamente, objetos que estão fadados a uma “obsolescência imediata” (BAUMAN, 2001).

Procurando definir, em termos teóricos, algumas considerações acerca das construções identitárias, principalmente no que diz respeito à irredutibilidade que o conceito tende a representar, Stuart Hall (2000) coloca em evidência a rearticulação entre a agência (elemento ativo de ação individual) e a política de identidade e o seu caráter instável e impreciso na contemporaneidade. Deste modo, o caminho apontado pelo autor, privilegia a teoria foucaultiana sobre as práticas discursivas, mais precisamente na tentativa de se relacionar estas com os sujeitos, ou, em outras palavras, a própria subjetivação e o seu corolário, a política de exclusão, que estariam na “ordem do dia” das novas necessidades de compreender os processos identitários.

São estas “instabilidades” que necessariamente proporcionam constantes reajustamentos dos indivíduos frente aos “padrões” de mercado. Isso faz com que seja sempre preciso estar atento às novidades sob pena de ficarmos aquém das novas possibilidades de satisfações. Daí o deslocamento proposto por Bauman sobre o poder disciplinar do Panóptico de Bentham⁴. Não mais uma sociedade sendo vigiada pelo poder da “torre central”, ou por uma “força externa”, mas uma sociedade que se auto disciplina a partir dos muitos que vigiam “poucos” (aqueles, obviamente, que não obedecem aos

⁴ Segundo Foucault (2003: 103) “o panoptismo é um dos traços característicos da nossa sociedade. É uma forma de poder que se exerce sobre os indivíduos em forma de vigilância individual e contínua, em forma de controle de punição e recompensa e em forma de correção, isto é, de formação e transformação dos indivíduos em função de certas normas”.

padrões). Esta obediência, como enfatiza Bauman, sempre vem disfarçada de “livre-arbítrio”, “liberdade de escolha”, entretanto, representa o modo como os indivíduos se tornam, não mais pela coerção, mas através da *sedução* (grifos meus), alvos do poder (BAUMAN, 2001).

Stuart Hall, desse modo, recondiciona o tratamento que ofereceu para o conceito de identidade colocando em perspectiva o processo de interpelação entre os discursos e posições de sujeitos bem como os processos que produzem subjetividades: “elas (identidades) são o resultado de uma bem sucedida articulação ou fixação do sujeito ao fluxo do discurso” (2000: 112).⁵

É a partir deste deslocamento que Bauman afirma ser necessário relativizar acerca da suposta essencialidade do “eu”, ou a autenticidade das verdades subjetivas que constantemente são externadas pelos meios públicos (o autor se refere especificamente aos programas de entrevista). Identificar, portanto, a não correspondência (ao contrário dos programas de entrevista) entre a subjetividade e a forma como é externada. Mas Bauman não está interessado somente em afirmar estas supostas inautenticidades, mas também, o modo como elas são absorvidas, sentidas e ressignificadas. Para o autor, neste sentido “o status frouxo, associativo, da identidade, a oportunidade de ir às compras, de escolher e descartar o verdadeiro eu, de estar em movimento, veio a significar a liberdade na sociedade de consumo atual” (2001: 102). Ao lado desta artificial liberdade de escolha, o que sobressai não é necessariamente a coisa escolhida, mas sim o ato de escolher e ter desejos para outras novas escolhas. Do mesmo modo que a satisfação é estar sempre em movimento, a incerteza passa a ser a condição sempre presente nas livres escolhas.

Por outro lado, Bauman nos chama atenção para mais um importante aspecto que, de certo modo, e levando em conta algumas das consequências dos termos consumismo-satisfação-movimento-incerteza, nos remete a estabelecer pontos de contato com as questões que perpassam pelo que o autor chama de “outros fatores”, os quais vão além das “escolhas à disposição”. Os “outros fatores”, então, dizem respeito à ordem do *realismo* (grifos meus) das escolhas, que nem sempre é determinado em função do “volume de recursos” à disposição de quem escolhe. Isso significa, e parece ser esse o apontamento do autor, que independente da condição de recursos disponíveis, tanto os ricos, como os pobres são “afetados” ou seduzidos pelo ato de desejar e escolher: “quanto maior a liberdade na tela e quanto mais sedutoras as tentações que emanam das vitrines [...] mais irresistível se torna o desejo de experimentar [...] o êxtase da escolha. Quanto mais escolha

⁵ Para Sérgio Costa (2006) o momento da constituição do sujeito na produção discursiva “representa o fundamento da noção de sujeito descentrado por Hall, Trata-se de analisar a relação entre o sujeito e a formação discursiva, de sorte a indicar os mecanismos que levam os indivíduos a se identificar ou não com determinadas posições [...]”

parecem ter os ricos, tanto mais a vida sem escolha parece insuportável para todos” (BAUMAN, 2001: 104).

Estas proposições nos remetem a pensar os sujeitos de Bauman entrando em estreita articulação com as análises discursivas da “fase” genealógica de Michel Foucault. Em *Vigiar e Punir* e *A Vontade de Saber*, o filósofo introduz uma nova peça que vai ocupar um lugar central nas análises discursivas - o poder e o seu efeito nos discursos: “o próprio discurso é uma formação regulativa e regulada, a entrada no qual é determinada pelas (e constitutiva das) relações de poder que permeiam o domínio social” (HALL, 2000: 121). Neste sentido, o corpo passa a ser uma construção em que pode ser moldado por práticas discursivas disciplinares (e positivas) as quais serão reprodutoras daquilo que Foucault denominou de “os corpos dóceis”⁶.

Contudo, e Bauman chama atenção para este aspecto, apesar do efeito ser perceptível em todos os lados da hierarquia social, as consequências são muito mais desastrosas e devastadoras para os sujeitos que são destituídos dos recursos que poderiam determinar liberdades de escolhas. É o que o autor considera como “escorrimento” das práticas que endossam valorativamente as liberdades de escolhas entre aqueles que mudam (e que podem mudar) de identidade de acordo com os descartes ou aquisições dos produtos com data de validade determinada, e aqueles que “recebem” estes mesmos ideais de liberdade sem, no entanto, possuir condições materiais para colocar em prática tais desejos.

De forma bastante sucinta podemos dizer que estas primeiras considerações, nos instigam a pensar necessariamente no diagnóstico de uma sociedade que têm como premissas básicas mobilidade e sempre flexibilidades nas questões de identidade. Quer dizer, mais uma vez nos reportando aos termos consumismo-satisfação-movimento-incerteza, e o indivíduo supostamente auto-suficiente nas questões de escolha, o cerne da questão parece se situar basicamente na liquidez de como as identidades são construídas e a constatação do seu efeito em situações humanas diferenciadas: “a prática da individualidade não necessariamente corresponde ao padrão imposto pelo dever da livre escolha. Na maior parte do tempo, ou em alguma ou em várias situações, muitos homens e mulheres consideram a prática da livre escolha fora do alcance” (BAUMAN, 2007: 33). Resta-nos a perguntar não necessariamente o “como” dos efeitos, mas basicamente “quais” os seus efeitos na sociedade da modernidade líquida. É isso que tentaremos explorar e responder a seguir, colocando em perspectiva o “indivíduo sitiado”⁷.

2 Consequências da liquidez identitária: hibridismo cultural em perspectiva

⁶ Ver em FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir : nascimento da prisão*. 9 ed. Petrópolis: Vozes, 1991.

⁷ Trata-se do primeiro capítulo do livro “Vida Líquida”.

Uma das formas em que é possível perceber quais os efeitos da individualidade nas suas consequências sociais é quando se é levado em conta o que Bauman chama de “pobres globais” e a sua inserção/exclusão das possibilidades de responder às demandas dos processos de livres-escolhas individuais postulados pelo mercado capitalista. Para o autor eles acabam sendo a “escória, o lixo e os detritos do livre-comércio e do progresso econômico globais” (BAUMAN, 2007: 36). Entretanto, Bauman parte justamente da construção da individualidade para chegar neste “pobre global”, cujo peso do processo é percebido de maneira bastante diferenciada. Neste sentido, é preciso levar em conta o modo como o processo “individualismo” é valorizado na sociedade líquido moderna. De outra forma, poderíamos dizer que a tônica do mercado consumidor é de sempre evidenciar um “seja você mesmo”, ou impor um grau de valoração na própria singularidade dos sujeitos: “a lógica do consumismo serve às necessidades dos homens e das mulheres em luta para construir, preservar e renovar a individualidade [...]” (2007: 36). É preciso, então, estar ciente e levar em conta que nem todos são possuidores das credenciais para participar da corrida pela individualização, e, mais do que isso, a fila dos excluídos tende sempre a aumentar.

Seguindo na esteira argumentativa de Bauman, tentaremos buscar e esclarecer algumas fundamentações que se encarregam de dar suporte e sustentabilidade para a crescente valorização do individualismo, mas, além disso, também tentaremos problematizar as consequências desta valorização, quer dizer, quem são os seus maiores beneficiados e, a nosso ver, mais importante, em prejuízo de quem que o individualismo se afirma enquanto uma ideologia que carrega em si (ao menos é assim que o “produto” é vendido) as ferramentas que proporcionam satisfação e felicidade.

Quando o autor nos fala que “a polarização induzida pela poderosa privatização e individualização das buscas existenciais também tem dimensões planetárias” (Bauman, 2007: 38), ele está se referindo a uma divisão entre os países que “advogam” pelo individualismo (basicamente o primeiro mundo ocidental) e aqueles que sofrem as consequências (América Latina, Ásia, África). Também, está se referindo às diferenças que dizem respeito aos padrões de consumo entre um lado e outro. Ainda, está se referindo a própria impossibilidade “material” de que o processo individualista seja globalizado, ou seja, o Planeta não possui condições (até mesmo território suficiente) para que a qualidade de vida do modelo individualista seja consentido em todas as partes. A ironia do autor, neste aspecto, é desconcertante: “encontrar dois outros planetas além do que temos não é algo muito provável – assim como não o é, por essa razão, a expectativa de melhorar as condições dos habitantes do planeta segundo o modelo de sociedade individualizada” (2007: 39).

É por esses motivos que o individualismo deve ser encarado como um privilégio dos poucos que estão aptos a reafirmar a sua singularidade e emancipação individual sempre atenta aos novos padrões de consumo e, aqueles que são destituídos deste “poder” e que permanecem fixos a uma identidade “sem escolha, atribuída ou imposta, sem perguntas, mas em todo o caso superdeterminada” (BAUMAN, 2007: 39). Uma vez estabelecida a diferença dos que possuem privilégio e os que o não possuem, quais são as possibilidades de ação dos que permanecem na margem do processo individualista se não resistir a ele?

É a partir destes “sem escolhas”, ou dos que são “atingidos” pelo individualismo ocidental da líquida sociedade moderna, que tentaremos, a partir de agora, problematizar sobre as questões de identidade, especificamente colocando em pauta a necessidade daqueles que não possuem o “privilégio” da individualidade e de afirmar uma identidade como forma de resistência e garantia de pelo menos a sua sobrevivência, frente à desenfreada globalização capitalista. Para isso, colocaremos em pauta uma recente discussão, em termos teóricos, sobre a categoria “hibridismo cultural” para, posteriormente, tentarmos pensar com Bauman acerca da sua crítica específica sobre a referida categoria, a qual vem se tornando tão permanente nas análises de autores - cientistas sociais - contemporâneos que escrevem sobre a cultura.

A categoria supracitada faz parte de um esforço teórico centrado nas possibilidades pós-estruturalistas, as quais pretendem colocar em pauta uma saída epistemológica de se pensar um espaço de enunciação que possibilite quebrar com essencialismos e polaridades com que as fronteiras identitárias foram traçadas pelo pensamento colonial.⁸ Nesta perspectiva, a diferença deixa de ter um sentido biológico, ou produzida em função do local, e passa a ser um processo, um “fluxo de representações” que são estabelecidas a partir de uma contextualidade discursiva específica.

O indiano Homi Bhabha foi um dos primeiros teóricos a pesquisar a categoria como uma estratégia em resposta aos modelos colonialistas. Segundo Sérgio Costa, a partir das idéias de Bhabha o conceito de hibridismo acabou por ser amplamente utilizado nos estudos pós-coloniais. O autor destaca dois “movimentos” fundamentais que o conceito foi operacionalizado a partir de diversos autores que se debruçaram sobre a temática, quais sejam, um desconstrutivista, que ao “revelar o traço híbrido de toda construção cultural, busca-se desmontar a possibilidade de um lugar de enunciação homogêneo” (2006: 95) e, o outro normativo, quando hibridismo define uma condição global cosmopolita, colocando a idéia de uma cultura internacional acima das barreiras étnicas, raciais, e nacionais.

⁸ Referindo-se ao pós-estruturalismo, Sérgio Costa (2006: 99) afirma que esta base de conhecimento “tem uma importância central na desconstrução de discursos polares que oponham um eu e um outro, um nós a um eles”.

Para além destas duas concepções, Sérgio Costa indica o ensaio de Nedervenn Pieterse⁹ que usou a categoria para pensar a globalização. A proposta do autor foi de romper com a idéia de globalização entendida em termos modernos, como uma ocidentalização do mundo. Neste sentido, Pieterse trabalha com a idéia de que a “globalização deve ser entendida como hibridação, o que implica um processo de multiplicação e interpenetração dos modos disponíveis de organização” (2006: 96) e que o propósito é de romper com os termos homogeneização, hegemonia cultural e ocidentalização, propondo, para o lugar destes, a inserção dos termos diversificação, interpenetração cultural e Ménege global.

No entanto, ao ressaltar e reconhecer, em sua própria teoria, que “o que falta é o reconhecimento do atual desnível, assimetria e desigualdade nas relações globais”, Pieterse citado por Costa (2006), coloca em evidência um “problema metodológico” proporcionado pela inexatidão do conceito de hibridismo. Parece ser neste sentido a direção da crítica Baumaniana para a categoria que estamos trabalhando.

A crítica que Bauman estabelece acerca do conceito de hibridismo cultural recai não exatamente no conceito em si, naquilo que o conceito representa nas análises dos estudos culturais, mas, exatamente, no modo como a *idéia* (grifos meus) é colocada em prática pelos sujeitos do individualismo. Para Bauman (2007: 42) então, a hibridização diz respeito aos membros que “se ocupam compondo, decompondo e recompondo suas identidades [...]”. Quer dizer, os membros que possuem as possibilidades de se libertar dos laços locais e viajar pelas redes de ciberconexões, entrando em “contato” com outras culturas. A prática diz respeito à própria valorização de ser e estar híbrido como forma de separação, na busca pela exaltação da identidade do não-pertencimento, daqueles presos aos “locais”. Apesar de hibridização estar se referindo, teoricamente, às misturas, Bauman (2007: 42) coloca que o que a torna louvável e cobiçada no mundo é a separação: “a hibridização isola o híbrido de toda e qualquer linha de parentesco monozigótico”.

Isso estabelece que a identidade pode ser operacionalizada por duas vias que atuam em campos de forças contraditórios, ou seja, a identidade enquanto problema (individualismo) e a identidade enquanto tarefa (pertencimento). Independente da via “escolhida” o empreendimento do esforço e os perigos a que se corre são de naturezas parecidas: “o caminho que leva à identidade é uma batalha em curso e uma luta interminável entre o desejo de liberdade e a necessidade de segurança, assombrada pelo medo da solidão e o pavor da incapacidade” (BAUMAN, 2007: 44). Daí que a luta empreendida pelos híbridos culturais, da sociedade líquido moderna, no processo de diferenciação identitária, segue o rumo da indeterminação, que resulta, em último caso,

⁹ Ver em: Pieterse, Jan N. Globalization as hybridation. In Featherstone, Mike; Lash, Scott; Roberton,

numa identidade definida por se distinguir de todo o resto: as identidades estabelecidas. No entanto, deve ser ressaltado o caráter de dependência, pois uma (identidade indeterminada) só pode ser afirmada na presença da outra (identidade estabelecida).

É na complementaridade e interdependência que Bauman se refere à cultura híbrida como sendo um verniz ideológico, pois isto implica que consideremos a extraterritorialidade alcançada, e a suposta liberdade de escolha que ela suscita, única e exclusivamente *em função* (grifos meus) das identidades designadas e inertes dos “locais”.

As consequências deste sonho de liberdade se inserem na ordem de dois fatores que precisam ser levados em conta. O primeiro que consiste no movimento viciado em que sempre é preciso buscar novas formas de liberdade, uma vez que a identidade indeterminada dos híbridos culturais constitui “uma batalha diária, sem folga permitida, para livrar-se, para esquecer”. Metaforicamente Bauman (2007: 47) traduziu este estado sempre indeterminado: “a liberdade de pessoas em busca de identidade é parecida com a de um ciclista; a penalidade para parar de pedalar é cair, e deve-se continuar pedalando apenas para manter a postura ereta”.

O outro fator que subsiste às consequências são justamente os dejetos, os restos de cada identidade descartada e obsoleta: “o passado de cada identidade está salpicado de latas de lixo em que foram despejadas, uma por uma, as coisas indispensáveis de dois dias atrás, transformados nos fardos incômodos de ontem” (BAUMAN, 2007: 47). Este fator permite que coloquemos em destaque a própria interdependência entre a cultura individualista e o sistema capitalista globalizado, ambos os membros do organismo “modernidade líquida”. Esta interdependência se estabelece no momento em que o capitalismo “precisa” do caráter provisório e com data de validade determinada das identidades dos indivíduos híbridos culturais, ou seja, o próprio não comprometimento com as coisas, daí, conseqüentemente, manter sempre o mercado funcionando. O inverso também é válido, pois as identidades dos híbridos culturais “precisam” das novidades do mercado de consumo para poderem sempre (re) atualizar o sentimento de satisfação, já que, como vimos anteriormente, este é estabelecido no constante ato de ter desejo de consumir: “enquanto os quebra-cabeças identitários vêm apenas sob a forma de mercadorias e não podem ser encontrados em outro lugar além dos shoppings, o futuro do mercado (que se distingue dos futuros mercadejados) está assegurado [...]” (2007: 49).

Se, temos então, a existência dos que estão “em casa” na sociedade de consumo, ou seja, que são adestrados nos preparos de “coquetéis identitários”, por outro lado temos todo o resto, as “pessoas”, para as quais foi negado o acesso aos “requintados, raros e caros ingredientes necessários para preparar os saborosos coquetéis atualmente em voga”

(BAUMAN, 2007: 50). Permitam-me repetir a expressão “foi negado o acesso”, pois é necessário destacar a não condição de escolha do processo. Para os que possuem identidades determinadas ou estabelecidas por outros e à força, o direito de escolha não lhes foi concedido.

São estas duas vias de busca identitária e a correlação entre elas, que se eleva dois valores perseguidos pelos ambos caminhos: a liberdade e a segurança, ambos indispensáveis a uma vida digna e feliz, nas palavras de Bauman. O equilíbrio entre os dois termos é difícil, mas a falta de um deles é problemática: “um déficit na segurança repercute na angustiante incerteza [...] um déficit de liberdade, por outro lado, é vivenciado como um debilitante excesso de segurança (a que os sofrendores dão o codinome de dependência)” (BAUMAN, 2007: 51).

Para o nosso propósito analítico, é preciso priorizar e explorar as consequências da falta de liberdade, pois parece ser este o específico dos que não possuem escolhas, daqueles que são determinados pelos outros, além do que a “balança” parece estar favorecendo muito menos este lado. O problema maior que decorre, além da própria falta de liberdade, é quando esta é consentida por muito tempo. As consequências, neste sentido, podem ser irreversíveis:

[...] quando se é submetido a essa situação por muito tempo e sem intervalo e sem ter experimentado um outro modo de ser, mesmo a prisão pode sufocar o desejo de liberdade, juntamente com a capacidade de praticá-la, e então se transformar no único habitat aparentemente natural e habitável – não sendo mais percebido como opressiva (BAUMAN, 2007: 51).

Se, por um lado, o equilíbrio entre liberdade e segurança é considerado uma tarefa de difícil realização no que diz respeito à construção identitária, de outra parte, uma medida que poderia amenizar os efeitos, e de certo modo realizável, é colocar em prática um exercício de liberdade em escolher, pois, é preciso levar em conta que “quando as pessoas se ressentem de mudanças em suas condições de existência [...] isso ocorre muito menos pelo desagrado em relação às novas realidades resultantes da mudança do que pela maneira como estas foram produzidas” (BAUMAN, 2007: 52), ou seja, não lhes foi proporcionado o direito de serem consultadas para que efetivassem uma escolha. As “novas realidades” foram, e outras continuarão sendo, portanto, determinadas.

3 Considerações Finais

Se aceitemos a idéia de que a realidade social não deve ser preexistente aos discursos, e, os sujeitos e sua constituição também estão relacionados com a linguagem, se formando nas cadeias móveis de significação, de certa forma, estas considerações, essas tentativas de auto-afirmação da identidade híbrida dos sujeitos globais é amplamente passível de questionamento, uma vez que elas entram no processo que Sérgio Costa (2006:

99) definiu como tentativa de “domesticar a diferença”, aonde esta – diferença – “perde, precisamente, seu caráter imprevisível, incerto, contingente”. Evidentemente que esta tentativa de re-centralizar os sujeitos contraria basicamente o cerne da teoria dos Estudos Culturais que preconizam o caráter contingencial das relações sociais, portanto, ao contrário das tentativas dos “híbridos globais”, o sujeito não pode ser encarado como um “protagonista social” fomentador da hibridação. Para Costa, então, este processo foge, definitivamente, ao controle do ator social.

Mas a realidade da modernidade líquida não apresenta a prática da livre escolha como uma de suas opções. Pelo contrário, a liberdade defendida é aquela que representa o “antídoto” para aqueles que estão aptos ao movimento, e que enxergam nela o principal caminho para atingir a sua própria segurança, ou seja, os membros da emergente e “híbrida” elite global. De outra parte, os destituídos das escolhas, os determinados, os “locais”, as vítimas da globalização “suspeitam que o principal obstáculo (para encontrar a segurança) está em se tornar livres (e fazer qualquer uso da liberdade se esta lhes for concedida)” (BAUMAN, 2007: 54).

Por isso que a identidade, ou melhor, a sua construção e a sua afirmação, tornam-se uma questão de luta. Cada lado entra na batalha com as armas que lhes são possíveis. Entretanto, Bauman (2007: 53) nos mostrou que é imprescindível saber e ter o cuidado de enxergar as constantes “trapaças” e os desequilíbrios de força: “Se um lado fala da identidade como passaporte para a aventura, o outro pensa numa defesa contra aventureiros. Para o primeiro a identidade é um barco enfrentando ondas, para o segundo, um quebra-mar protegendo as embarcações das marés”.

Referências Bibliográficas

BAUMAN, Zygmunt. **Vida Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2007.

_____. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2001.

COSTA, Sérgio. **Dois atlânticos: teoria social, anti-racismo, cosmopolitismo**. Belo Horizonte: Ed UFMG, 2006.

FOUCAULT, Michel. **A Verdade e as formas jurídicas**. Rio de Janeiro: NAU Editora, 2003.

_____. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 9 ed. Petropolis: Vozes, 1991.

_____. **História da Sexualidade I: A vontade de saber**. 16 ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu (org.). **Identidade e diferença**. Petrópolis: Vozes, 2000.

Recebido em *maio* de 2009
Aprovado em *setembro* de 2011